



O "Detrimento na carência da língua": breve bosquejo metalinguístico na Historia de Japam do P. Luís Fróis

Autor(es): Verdelho, Telmo

Publicado por: Universidade Católica Portuguesa, Departamento de Letras

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/23896>

Accessed : 1-Jul-2022 21:10:35

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE LETRAS

MÁTHERESIS



Miscelânea em Honra
de Monsenhor Celso Tavares da Silva

V I S E U • 1 9 9 6

**O “DETRIMENTO NA CARÊNCIA DA LÍNGUA”
Breve bosquejo metalinguístico na *Historia de Japam*
do P. Luís Fróis**

TELMO VERDELHO

Por entre as peripécias aventureiras que entreteceram a chegada dos portugueses ao Japão (1543), o encontro das línguas deve ter constituído uma das vivências mais surpreendentes para os portugueses e japoneses daquele tempo. Mais do que a descoberta sempre intrigante (mesmo contando com a anterior experiência do achamento de novos mundos) das diferenças dos rostos, dos costumes, das manhas e dos gestos, era certamente a diferença das línguas a surpresa mais insólita e deveria ser também a barreira mais difícil, logo no tacteamento das primeiras comunicações. Depois das longas e tormentosas viagens, esta era uma derradeira e arriscada muralha que desafiava o ânimo, a coragem e a imaginação, e que exigia dotes de espírito provavelmente mais raros do que a própria resistência física e a ardidez guerreira.

O “detrimento da língua” era muito especialmente sentido quando o objectivo do encontro ultrapassava a simples relação comercial e era também motivado pelo desejo de lançar vínculos políticos e sobretudo pelo ideal apostólico, pela ânsia de comunicar a mensagem evangélica e fazer a aculturação dos rituais cristãos. Era justamente esta a grande aspiração dos missionários, que os levava ao encontro de povos tão afastados da tradição romana e da liturgia da palavra, e foi esta a conjuntura que os Jesuítas viveram, no Japão, desde a chegada do P. Francisco Xavier em 1549, e ao longo dos vários anos da heróica missão tentada no remoto Oriente.

A imagem bíblica da Torre de Babel, que tutelava os filólogos humanistas europeus, quando especulavam sobre a confusão das línguas, era confrontada, em primeira instância, pelos marinheiros, e pelos missionários e mercadores, nas urgências da hospitalidade ou do conflito, em terras tão longínquas e tão estranhas e no meio de vozes tão inauditas.

Sob o ponto de vista da história da cultura, da reelaboração da imagem planetária e da evolução dos estudos linguísticos, a pluralidade e a difícil intercomunicação das línguas, parece não ter tido na Europa uma repercussão imediata muito surpreendente.

Podemos lembrar entre nós o testemunho, já no século XVIII, de Rafael Bluteau: “Na minha opinião ninguém até agora soube quantas línguas ha no Mundo; nem creyo, que daqui em diante se saberá o numero dellas, principalmente depois que pelas noticias do Brasil, dadas à luz [1668] pelo Padre Simão de Vasconcellos, da Companhia de Jesus, sabemos que só nas prayas do Rio das Amazonas, se fallaõ mais de cento e cincoenta diferentes linguagens, e essas (segundo affirma o Padre Antonio Vieira) taõ diversas entre si, como a nossa, e a Grega.”

A “aldeia global” é um facto dos nossos dias. Todavia, as experiências individuais dos viajantes e pregadores da fé foram certamente muito mobilizadoras no sentido deste convívio planetário. Foi provavelmente esta vivida experiência que contribuiu, entretanto para estimular, pelo menos, o tratamento erudito do tema de Babel que se tornou assíduo, sobretudo na sua vertente da “confusio linguarum”.²

Motivou, primeiro, os teólogos e os estudiosos da Bíblia, e depois, os linguistas, sobretudo a partir do séc. XVII.³ Intrigou também os historiadores e os arqueólogos e inspirou vários pintores pela sedução de um imaginário de grandiosidade, e sobretudo pela afirmação da superioridade da pintura,

¹ Rafael Bluteau, “Prosa Enigmatica, interpretativa” - *Prosas Portuguezas*, parte primeira, Lisboa, Of. José António da Silva, 1726/29, p.379.

² O texto do Génesis (cap.XI, 1-9), fixado na Vulgata, suscita sempre uma aprazível leitura: “1.Erat autem terra labii unius, & sermonum eorundem. 2.Cumque proficiscerentur de oriente, invenerunt campum in terra Sennaar: & habitaverunt in eo. 3.Dixitque alter ad proximum suum: Venite, faciamus lateres, & coquamus eos igni. Habueruntque lateres pro saxis, & bitumen pro caemento: 4.Et dixerunt: Venite, faciamus nobis civitatem, & turrim, cujus culmen pertingat ad coelum: & celebremus nomen nostrum antequam dividamur in universas terras. 5.Descendit autem Dominus, ut videret civitatem & turrim, quam aedificabant filii Adam, 6.Et dixit: Ecce, unus est populus, & unum labium omnibus: coeperuntque hoc facere, nec desistent à cogitationibus suis, donec eas opere compleant. 7.Venite igitur, descendamus, & confundamus ibi linguam eorum, ut non audiat unusquisque vocem proximi sui. 8.Atque ita divisit eos Dominus ex illo loco in universas terras, & cessaverunt aedificare civitatem. 9.Et idcirco vocatum est nomen ejus Babel, quia ibi confusum est labium universae terrae, & inde dispersit eos Dominus super faciem cunctarum regionum.”

³ Lembramos o título de Atanásio Kircher, *Turris Babel sive Archontologia {...} cum principalium inde enatorum idiomatum historia, multiple eruditione, describuntur et explicantur*, Amsterdam, 1679.

bem demonstrada na capacidade de comunicar para além da babel linguística.

Os biógrafos dos primeiros missionários encontraram aqui a oportunidade para invocarem o milagre do Pentecostes em resposta ao desentendimento de tantas e tão estranhas línguas humanas. João de Lucena, por exemplo, reivindica, em tom hagiográfico, o dom das línguas para S. Francisco Xavier, acrescentando no entanto que ele o teria usado com moderação para não desanimar os companheiros.⁴

É difícil refigurar hoje a perplexidade vivida pelos marinheiros e comerciantes, e sobretudo pelos missionários, perante as tão variadas e abundantes e tão peregrinas línguas. A história deste reencontro babélico parece-nos pouco documentada, ainda tendo em conta as várias referências que a este respeito se encontram em textos da época.

Nas comitivas da aventura navegante do século XVI havia quase sempre personagens anónimas os “línguas” ou “intérpretes” ou “farautes” ou “topazes”⁵ que desbloqueavam, no primeiro contacto, o impasse da intercomunicação. Era uma profissão marginal mas muito apreciada, desempenhada em geral por habilitados falantes de sublínguas rudimentares ou sabires, que se desenvolviam nos contactos interportuários dos principais circuitos comerciais da época. Os portugueses, ao longo das descobertas, estiveram implicados nesta experiência de interlínguas, que é hoje ainda insuficientemente esclarecida, mas que deixou persistentes vestígios, sobretudo nos crioulos e entre as línguas ribeirinhas.

Quando se cultivava uma relação prolongada e mais comprometedora, exigia-se então um uma aplicação linguística e uma competência comunicacional estudiosamente elaborada, propiciando-se a ocasião para o reconhecimento e a descrição de novos e por vezes inóspitos idiomas.

A história da chegada dos portugueses ao Oriente e especialmente ao Japão, foi, neste aspecto, particularmente ilustrativa. Para além do rela-

⁴ “Tratou o padre Mestre Francisco tambem dos exteriores, & humanos. E primeiramente de suprir como costumaua a falta da lingoa, nam vsando tam claramente do dom, que se cuida tinha, porque nam desanimasse aos companheiros, parecendolhes, que só podia hir prégar ao Iapam, quem o teuesse.” *História da vida do Padre Francisco Xavier*, Lisboa, Pedro Crasbeeck, 1600, p. 505.

⁵ O termo japonês que designa o ‘intérprete’ é “tçuzu”. Este qualificativo foi acrescentado ao nome do Pe. Jesuíta João Rodrigues autor da gramática de japonês - 1604 e 1620. Cf. Charles Ralph BOXER, “Padre João Rodrigues Tçuzu, S.J. and his Japanese grammars of 1604 and 1620”, in *Miscelânea de filologia, literatura e história cultural. A memória de Francisco Adolfo Coelho, II* (- *Boletim de Filologia*, vol.XI). Lisboa, 1950, p.338-363; e ainda, Michael COOPER, *Rodrigues the interpreter: an early jesuit in Japan and China*, Nova York, 1974.

cionamento comercial, um forte investimento na actividade missionária (quase totalmente dependente do uso da palavra, da argumentação, da explicitação doutrinária, da aferição da mensagem e da liturgia da palavra), determinou um contacto linguístico bastante intenso, rico de experimentações, e fecundo na criação de documentos valiosos para a história e para a ciência das línguas.

Os missionários Jesuítas levaram, de Portugal para esse extremo do mundo, uma sabedoria linguística excepcional. A competência de bons falantes de português, pela maior parte deles (alguns eram espanhóis), era corroborada e esclarecida por um sólido conhecimento do latim e de toda a formulação gramatical humanista. Eles levaram ao Oriente, com o alfabeto latino, uma longuíssima tradição teórica sobre as línguas, toda a memória patrimonial do texto escrito acumulado na cultura europeia e ainda as inovações do início do séc. XVI, no âmbito da lexicografia latina e plurilingue e da filologia do texto bíblico, incrementada desde a publicação da famosa Bíblia poliglota complutense (1517).

As narrativas dos missionários sobre a sua actividade repercutem com frequência o universo linguístico e metalinguístico do convívio entre idiomas diferentes, e dão testemunho da sua escolarizada preparação para este encontro histórico entre as antiquíssimas tradições de cultura escritural do Ocidente e do Oriente.

A Historia de Japam do P. Luís Fróis é particularmente informativa a respeito de todo o conjunto de vicissitudes que marcaram o confronto do português, do latim e do japonês. Em numerosos episódios o autor faz referência à conjuntura linguística, às dificuldades que ela suscita e aos esforços para superar esse constrangimento elementar. Não se trata de documento único neste campo, os missionários e nomeadamente os Jesuítas roteiraram abundantemente a sua actividade e a sua experiência, escrevendo cartas, memórias e biografias. Alguns desses textos ficaram como referências perenes do momento histórico de que dão testemunho e, além disso, pela sua inspirada elaboração formal, ficaram também como preciosos monumentos do património literário português. Costuma salientar-se, entre estes, a obra do P. João de Lucena, *História da vida do Padre Francisco Xavier* (Lisboa, Pedro Crasbeeck, 1600). Neste conjunto mais meritório da memória textual portuguesa, parece-nos justo integrar também a obra do P. Luís Fróis.

A Historia de Japam só há pouco tempo foi objecto de publicação integral e, por isso, não beneficiou ainda do tempo de leitura, que permitiu destacar outras obras suas contemporâneas, na tradição da crítica e da história literária portuguesas. Trata-se, sem dúvida, de um monumento literário merecedor do estatuto de texto verdadeiramente clássico. Para

além das virtudes da boa escrita de quinhentos, gratifica ainda o leitor com uma saborosa ingenuidade narrativa, e com um estilo simples e gracioso.

A *Historia de Japam* foi pela primeira vez publicada integralmente, nos nossos dias, na edição introduzida e anotada pelo P. José Wicki, depois de uma acidentada fortuna, no seu percurso ecdótico.⁶

O editor acompanhou o texto com uma introdução e oportunas notas de rodapé, onde se oferece informação erudita, pesquisada no fundo documental e arquivístico da Companhia de Jesus. Entre muitos outros dados, inclui, nas páginas introdutórias, uma bem fundamentada notícia biográfica sobre o P. Fróis, donde deduzimos a seguinte cronologia que apresentamos de modo muito esquemático:

- nasceu em Lisboa em 1532;
- entrou para a Companhia de Jesus em 1548;
- partiu para a Índia em 1548, (concluiria a formação humanística em Goa e desempenharia funções auxiliares da missão também em outros locais, nomeadamente em Malaca);
- estudou filosofia e teologia em 1558;
- foi ordenado sacerdote 1561;
- chegou ao Japão em 1563 (aqui aprendeu o japonês e desenvolveu uma intensa actividade missionária);
- deixou o Japão e voltou a Macau em 1592;
- regressou ao Japão em 1595;
- faleceu em Nagasaki em 8 de Julho de 1597.

Conta-se na biografia do P. Fróis um episódio particularmente elucidativo das dificuldades e das estratégias em relação ao acesso às línguas. Foi recolhido de uma carta do próprio Luís Fróis, datada de 1555, escrita em Malaca, onde ele, ainda antes de completar a formação sacerdotal, desempenhava funções auxiliares de missão e vivia uma inebriante aventura de juventude apostólica. "Amtes que ho Padre [B. Nunes Barreto] daqui [de Malaca] se partisse, tinha detreminado mandar-me à China e lançarem-me os portugueses na terra, pera que na cidade de Camtão me pusese com algum dos senhores da terra, e háf amdase dous ou tres anos aprendendo a lingua, até que da India viessem Padres, pera que, quomdo laa fosem, achasem quem lhe soubese interpretar a lingua. sem duvida, Charissimos, que o contentamento spiritual e alegria que meu spiritu recebeo com esta mercê de Deos foi tão grande, que de nenhuma calidade

⁶ P. Luís Fróis, *Historia de Japam*, ed. anotada por José Wicki. Lisboa, Biblioteca Nacional, 5 vols, (1976, 1981, 1982, 1983, 1984).

me parece que a pena poderaa explicar o que minha alma sentio, ainda que avia muitas pessoas que me punhão grandes deficuldade e temores de tormentos que receberia se cometesse a entrada”.⁷

O lançamento na terra da China não chegou a ter lugar, mas o restante percurso do P.Fróis nem por isso foi menos cheio de maravilhosas peripécias e de aventuras linguísticas extraordinárias.

Motivados pela abundância de referências metalinguísticas na *Historia de Iapam* e pela conjuntura do encontro planetário de línguas de que dá um testemunho muitas vezes vivido, fizemos uma selecção de algumas dessas referências e sobre elas tentámos elaborar uma síntese de leitura, acompanhada de uma transcrição antológica dos textos mais significativos.

1. A perplexidade perante o encontro ou o desencontro das línguas e a observação das circunstâncias da enunciação, descrevendo todo o envolvimento paraverbal, constitui um dos aspectos mais notados na informação metalinguística da *Historia de Iapam*. Logo nas primeiras páginas, referindo-se ao início dos contactos, a partir do ano de 1549, dá notícia da carência da língua, deixando ainda transparecer a enorme vontade de vencer esse obstáculo:

“No tempo em que estiveram em Cangoxima, aonde começarão a lansar logo os primeiros fundamentos da fé, padecião grande detrimento na carencia da lingua, da qual não sabião ainda mais que o que particularmente o Irmão João Fernandes vinha da India pelo caminho aprendendo com aquelles japões...” (I.p.24)

2. O “detrimento na carência da língua” deveria constituir o mais forte impedimento à missiões e às restantes actividades apostólicas, nomeadamente o exercício da confissão para os convertidos “huma das couzas que muito sentião os christãos das ilhas, e outros que vinhão de fora, era não ter ainda o Padre inteligencia da lingua para poder ouvir suas confissões.”(I.357) Por isso, os Jesuítas desenvolveram um esforço impressionante para aprenderem a língua e exploraram com notável criatividade os recursos da sua própria formação escolar, que lhes deveria propiciar um uso muito hábil da escrita.

⁷ In *Historia de Japam*, Introdução de José Wicki, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1976, I vol., p.5*.

3. Começaram naturalmente por elaborar traduções e transcrições dos textos elementares da doutrina cristã : "tirarão na lingua de Japão huma pratica sobre a criação do universo, e da vinda do Filho de Deus ao mundo, mandamentos e juizo final; e isto era por onde ordinariamente pregavão." (I.,p.25) Desses textos fizeram cadernos ou "cartapácios" (I.32) que os socorriam na pregação quotidiana.

No conjunto abundantíssimo de referências metalinguísticas que se lêem na obra do P. Fróis, é predominante a notícia de traduções, quer de textos religiosos, catecismos, vidas de santos, etc., quer de textos doutrinários e escolares latinos, quer ainda de "outras couzas de nossos authores".(I.172)

4. Diz o P. Fróis que os japoneses eram muito curiosos e concorriam para ouvir e discutir a nova doutrina, e quando os missionários começavam já a ter uma certa capacidade de comunicação, os bonzos, sentindo-se algo ultrapassados, recorriam ao seu poder linguístico: "para authorizarem mais suas leys e razoamentos, fallavão por palavras muito escuras da China tiradas de seos livros, que nem os mesmos naturaes entendião, quanto mais o Irmão, que não sabia mais que a lingua comua."(I.73)

5. O contacto com a língua foi facilitado pela conversão de alguns japoneses cultos (I.206/207), que puseram ao serviço da mensagem cristã a sua habilidade verbal, traduzindo os textos bíblicos e doutrinários, produzindo material de apoio à aprendizagem da língua japonesa e ensinando os próprios missionários (I.89/90), (I.127), (I.134). Particularmente ilustrativa, a este respeito, é a notícia da conversão de um médico "natural do reino de Vocasu, por nome Yofouquen, homem insigne na lingua de Japão" que ajudou a fazer os primeiros manuais para a aprendizagem da gramática e do vocabulário japonês: "forão suas ajudas grande meio para se poder fazer a Arte na língua de Japão e Vocabulario mui copiozo"(I.172).

6. Ao longo de toda a obra, o P. Fróis refere-se várias vezes ao trabalho de elaboração de manuais linguísticos (vocabulários e gramáticas - "artes") para o estudo do latim e sobretudo para o estudo da língua japonesa. Essa actividade foi logo começada pelo Pe. Francisco Xavier na ilha Tacuxima: "Alli naquella ilha (Tacuxima) começou o Padre, quando as cezões lhe davam logar, a fazer com o Irmão João Fernandes huma traça da primeira arte que se fez em Japão, ordenando suas conjugações e sintaxis, e hum pedaço de vocabulario, mas como ainda era novo na terra e tinha tão pouca noticia da lingua, não foi mais que huma previa despozissão, que depois podesse dar luz à Arte e vocabulario, que se fez dahi a perto de vinte annos." (I.356/357), (III.172/173)

Da reflexão e elaboração linguística produzida pelos missionários Jesuítas no Japão, sobreviveram documentos impressos na própria época, especialmente dois dicionários e duas gramáticas, que devem ser tomados como verdadeiros monumentos no âmbito das ciências da linguagem e do encontro de culturas.

A primeira gramática foi impressa no Colégio de Amacusa em 1594. É a adaptação (tradução japonesa das conjugações) da famosa gramática latina (que teve mais de 500 edições em todo o mundo até ao séc. XIX), escrita pelo Jesuíta madeirense Manuel Alvares e que tinha sido publicada pela primeira vez em Lisboa 22 anos antes.

Uma outra gramática, esta da língua japonesa (*Arte de lingua de Iapam*), atribuída ao Pe. João Rodrigues (nascido na vila de Sernancelhe em 1561) foi impressa em 1604 no Colégio de Nagasaki.⁸

Os dicionários significaram um investimento muito mais importante sob o ponto de vista do contacto das línguas. O primeiro foi um dicionário trilingue - latino / lusitanico / japonico - feito a partir da matriz latina de uma das muitas edições do dicionário de Ambrósio Calepino. Foi impresso há justamente quatro séculos, em 1595 na tipografia do Colégio de Amacusa, para servir à juventude japonesa, que operosamente se dedicava ao estudo do latim, e também aos estudiosos (sobretudo missionários) europeus que aprendiam o japonês. É uma obra com mais de 900 páginas que dá conta de um enorme esforço de transcrição do vocabulário japonês em alfabeto latino.

O documento mais interessante sobre o encontro das línguas japonesa e portuguesa é o *Vocabulario da Lingoa de Iapam com a declaração em Portugues, feito por alguns Padres, e Irmãos da Companhia de Iesu*. Foi publicado em Nagasaki, em 1603. Com perto de 800 páginas (contando com quase 150 de suplemento), este dicionário contém um manancial abundantíssimo de vocabulário japonês e português e pressupõe um minucioso e sofrido trabalho de manipulação verbal e de superior competência linguística. Para além da barreira da escrita e do confronto de estruturas linguísticas muito diferentes, o dicionário obrigou os autores a procurarem todas as palavras disponíveis para poderem exprimir e encontrar equivalências verbais entre universos de hábitos quotidianos, de civilização e de recorte semântico tão distantes. Constitui um testemunho precioso para a história da língua e da cultura dos dois povos.

7. O ensino da escrita e das línguas era uma tarefa particularmente privilegiada, tanto para os europeus, como para os japoneses. No que

⁸ Cf. C. R. Boxer, *op. cit.*, p.338.

respeita à aprendizagem do japonês, por parte dos europeus, é um bom exemplo o do Irmão Duarte da Silva, que “tinha grande inclinação a aprender as letras da China” e que ia “aprender os caracteres da China com hum bonzo” para “melhor poder entender as leys de Japão” e para poder discutir e argumentar com os próprios bonzos (I.351/352).

Na *História de Japam*, o P. Fróis, além de referir a instituição, para os japoneses “de escolas de ler e escrever em sua letra e língua, buscando a Companhia para isso mestres competentes e de boa edificação...”(IV.15), dá também larga notícia de um colégio em que se “lião duas lições, huma de Humanidade e outra, aos Irmãos de Europa, da lingua de Japão” (III: 172/173), e de um seminário de meninos onde “os mais pequenos aprendião a doutrina christã, outros a ler e escrever a nossa letra, o que fazem em dous ou tres mezes com grande facilidade; outros os caracteres de Japão e da China.(III:301)

8. Neste encontro de línguas, é auspiciosamente louvada a disponibilidade dos meninos japoneses para a aprendizagem: “tem grandissima habilidade para aprender, porque em muito poucos mezes sabem a doutrina em sua lingua e em latim” (I.199); “...vão começando a aprender latim; e tem tanta facilidade em serem bons escrivães em nossa letra, que pela maior parte o que hum menino aprende nas escolas entre nós em tres annos, elles em 3 ou 4 mezes. (...) alguns mancebos fidalgos em Japão (...) com lhe darem somente por escrito as letras do nosso alfabeto e a combinação dellas, dahi a poucos dias por seo proprio engenho e habilidade começam a correr connosco, e nos escrevem cartas em nossa letra e na sua lingua.” (IV.29)

9. Gostaríamos de destacar, finalmente, a anotação da sensibilidade dos japoneses perante o espectáculo da liturgia em latim: “Os christãos hião rezando em voz entoada a doutrina christã, que ainda cauzava nos gentios maior admiração, por lhe ouvirem recitar tanto a ponto orações em latim que para seos ouvidos era couza tão peregrina e nova.”(II.105).

Breve antologia dos extractos metalinguísticos da *História de Japam* do Pe. Luís Fróis:

1.1. “No tempo em que estiveram em Cangoxima, aonde começarão a lansar logo os primeiros fundamentos da fé, padecião grande detrimento na carencia da lingua, da qual não sabião ainda mais que o que particularmente o Irmão João Fernandes vinha da India pelo caminho aprendendo com aquelles japões...” (v.I, p.24-1549)

1.2."...E o tempo que lhe vagava de suas ocupações, com Paulo de Santa fé e com o Irmão João Fernandes tirarão na lingua de Japão huma pratica sobre a criação do universo, e da vinda do Filho de Deus ao mundo, mandamentos e juizo final; e isto era por onde ordinariamente pregavão." (I.,p.25-1549)

1.3."...para lá se partio o Pe. Mestre Francisco [...] sem levar mais consigo que hum mosso, que lhe servia de lingua."(I.28) ... "levando consigo o Irmão João Fernandes para lhe servir de lingua" (I.29-1550)

1.4."...Mandou o Padre ao Irmão João Fernandes que lhe lesse pelo cartapacio a criação do mundo e os mandamentos que na lingua de Japão tinham tirados." (I.32-1550)

1.5."E se alguns homens ou mulheres lhe pedião, tambem nos caminhos, mezinhas para suas enfermidades, ou de crianças que tinham doentes, escrevia-lhe hum evangelho, dizendo-lhes que o trouxessem ao pescoço e receberião saude."(I.37-1550)

1.6."Hindo o Pe. Mestre Francisco vizitá-lo [el-rey de Suvo] outra vez, lhe levou a mostrar huma mui rica e excellente Byblia, de marca maior, illuminada, e huma mui fermoza Gloza ordinaria, nova e bem guardada, dizendo-lhe que alli estava, naquelles livros, toda nossa santa ley."(I.40-1551)

1.7."...o Pe. Mestre Francisco ... segundo que a penuria da lingua o ajudava - fallando com os bonzos, perguntou-lhes pelo mysterio da Santissima Trindade...(I.41-1551)

1.8."...Paulo de Santa Fé... os instrua na lingua e costumes da terra..."(I.46-1551).

1.9."Vierão outros, e perguntarão que couza era Deos e donde está? Respondemos que todas as couzas... tiverão principio... e que havia hum principio que lhes tinha dado a todas ellas o ser, o qual nunca teve principio nem teria fim, e que este se chama em nossa lingua Deos."(I.54-1551)

1.10."A primeira festa do Nascimento que alli tiverão, tendo os christãos della noticia, se alegrarão muito, e vierão velar a nossa caza, e alli estiverão athé à segunda missa ouvindo sempre as couzas de Deos, que o Irmão João Fernandes lhes lia; e quando elle cansava, lia hum menino christão que sabia ler a nossa letra..." (I.60/61-1552)

1.11."...Naquelles primeiros principios se ajuntarão algumas vezes magotes de bonzos, que hão disputar com o Padre e com o Irmão João Fernandes; e pelos japões serem curiosos, concorria logo muita gente a ouvi-los. Os bonzos para authorizarem mais suas leys e razoamentos, fallavão por palavras muito escuras da China tiradas de seus livros, que nem os mesmos naturaes entendião, quanto mais o Irmão, que não sabia mais que a lingua comua."(I.73-1554)

1.12."... e no fim da pratica lhe disse Xincai: "Haveis de saber, filho, que nas letras antigas de nossa religião há duas maneiras de ley, huma se chama Gondaiju, que quer dizer ley grande fundada em palavras, e outra que se diz Jetdaiju, que quer dizer ley grande fundada em verdade. E, segundo o que de vossas palavras colijo, parece-me que esta ley, que dezejais propagar, deve ser esta segunda fundada na verdade..."(I.85-1554)

1.13."Baptizou-se tambem hum homem de mais de 50 annos... de grande fama, e mui habil em letras e saber natural.... Ele começou a aprender as orações,

e escreveo por sua mão tudo o que estava tresladado na lingua de Japão... foi ocasião de muitos gentios ouvirem e se baptizarem; e entre elles foi hum irmão / p.89-90/ seo, de não menos habilidade que elle. Fez muito serviço a N. Senhor em escrever o que estava traduzido em lingua de Japão, porque o consertou em algumas partes com muita graça e lepor." (I.89/90-1555)

1.14."Converterão-se alguns homens nobres ericos, e outros de Yamanguchi... tinham cada dia pregação, e à noite vinhão os homens às ladainhas, e praticava-se-lhe huma hora como repetição do que tinham ouvido pela manhã, e dizia-se-lhe a doutrina christã em sua lingua." (I.127-1559)

1.15."Gastavão neste tempo os Irmãos os dias em continuo exercicio de aprender a lingua de Japão, e huns com os outros sempre a fallavão em caza, para nella andarem mais correntes, e à mesa tinham todos os dias pregação em a mesma lingua." (I.134-1559)

1.16."...o Pe. Gaspar Vilela... fallava arreoadamente já naquelle tempo a lingua e escrevia nella alguma couza..."(I.137-1559)

1.17."Acabado de comer, mandou chamar Daigenbo doze bonzos que fazião alli, em huma parte separada, vida como hermitões, dizendo que juntamente (145/146) com elles queria tornar a ouvir, e que pedia ao Irmão lhe fallasse por palavras claras que todos entendessem, sem misturar palavras de nossa linguagem de Europa não conhecidas delles.... Daigenbo pediu ao Padre que queria ver o livro de rezar, que tinha na mão, e ficou admirado de ver a letra, e que se lia ao travez e não alto a baixo como a sua..."(I.146-1559)

1.18."Aqui tambem nesta caza se fez christão e baptizou hum medico natural do reino de Vocasu, por nome Yofouen, homem insigne na lingua de Japão ... forão suas ajudas grande meio para se poder fazer a Arte na lingua de Japão e Vocabulario mui copiozo. Com elle pelo discurso do tempo se foi depurando o Cathecismo ... com elle se tresladarão muitas vidas de Santos, e outras couzas de nossos authores, pela elegancia, primor e delicadeza de sua lingua ser mui aceita aos japões, onde quer que se houve. Tambem entrou na Companhia hum filho seo, por nome Vicente Foin, dos mais raros engenhos que até agora nella em Japão entrarão, (172/173) grande pregador e eloquente na frase, abundante nos caracteres de Japão e da China, e bem entendido nas seitas de Japão, e particularmente na dos jenkins, que entre todas tem o primado. Este Irmão Vicente foi enviado pelo Pe. Vizitador às partes do Miaco para instruir os moços do seminario, assim nas letras como nas seitas de Japão, e fizeram com elle tão bom progresso, que em breve tempo começarão logo muitos delles a pregar aos gentios, e com grande facilidade e destreza convencião seos erros e falsidades, e se convertião muitos à nossa santa fé".(I.172/173-1560)

1.19."Estes bonzos, posto que nos habitos andão vestidos pobrememente, alguns por serem letrados são cheios de grande soberba e arrogância, e tem por costume os desta seita disputarem às vezes por figuras e sinaes dos dedos sem pronunçiação de palavras. Assim o fez este bonzo, o qual alevantando-se muito de repente do logar onde estava, se foi assentar no mais alto e melhor logar daquella caza e tirou hum abano que trazia na cinta e meteo debaixo de hum pé, estendido o mesmo avano, e pondo huma mão na ilharga, com a outra alevantou o dedo indez para riba; e pondo-se naquella postura, era propor de sua parte o argumento sem palavras.

O Irmão Lourenço, que lhe havia de responder, como hé quasi cego, não enxergava a postura em que o bonzo estava posto; e perguntando ao Padre, que estava a par delle, que lho dissesse, tanto que soube, disse ao Padre: “Descanse V. Rª., porque eu o concluirei logo”. E pondo huma mão na ilharga, alevantou a outra e, estendidos todos os cinco dedos, disse em alta voz: “Credo in Deum Patrem omnipotentem creatorem caeli et terrae”.

O bonzo, que estava assoprando gravidade e arrogancia, deo-lhe tão grande rizo e a todos os mais circunstantes que alli se acharão que, sem mais poderem esperar, se despedirão e forão logo sem alli tornarem nunca.”(I.194-1561)

1.20.(Os meninos japoneses) “tem grandissima habilidade para aprender, porque em muito poucos mezes sabem a doutrina em sua lingua e em latim” (I.199-1561)

1.21.”O Irmão Ayres Sanches tinha cuidado de curar os enfermos do hospital, e de ensinar a ler e escrever, cantar e tanger violas de arco a quinze meninos japões e chinas, para se fazerem os divinos officios com mais solenidade. O Irmão João Fernandes se occupava em ensinar os baptizados e instruir os cathecumenos... E o tempo que lhe restava, se occupava em tresladar livros na lingua de Japão, ajudando-se de pessoas doutas para a tresladação ser mais fiel e pura.” (I.206/207-1562)

1.22.”...mandou Dom Bartholomeu trazer hum livro, que o Pe. Gaspar Vilela tinha feito no Goquinai - de muitas perguntas que os letrados do Miaco lhe tinham feitas sobre a ley de Deos e seitas dos gentios, com as respostas do Padre, couza que dava muita luz aos gentios...”(I.323-1563)

1.23.”...o Irmão Duarte da Sylva... Tinha grande inclinação a aprender as letras da China, para melhor poder entender as leys de Japão e disputar com os bonzos; e para hir aprender os caracteres da China com hum bonzo...”(I.351/352-1563)

1.24.(Queimaram-se as casas em que se agasalhavam) “E o que mais sentião, pela falta que depois se lhe fez, forão os livros e cartapacios do Irmão João Fernandes, que havia muitos annos hia escrevendo em lingua de Japão, aonde tinha tirados todos os evangelhos e sermões feitos sobre as domingas do anno, e a expozição do Credo, Pater noster, Ave Maria, mandamentos, etc.”(I.354-1563)

1.25.”Alli naquella ilha (Tacuxima) começou o Padre, quando as cezões lhe davam logar, a fazer com o Irmão João Fernandes huma traça da primeira arte que se fez em Japão, ordenando suas conjugações e sintaxis, e hum pedaço de vocabulario, mas como ainda era novo na terra e tinha tão pouca noticia da lingua, não foi mais que huma previa despozissão, que depois pudesse dar luz à Arte e vocabulario, que se fez dahi a perto de vinte annos. Huma das couzas que muito sentião os christãos das ilhas, e outros que vinhão de fora, era não ter ainda o Padre intelligencia da lingua para poder ouvir suas confissões.”(I.356/357-1563)

2.1.”Dous Padres que alli rezidião se occupavão em aprender a lingua, pela instancia que os christãos lhe fazião que os ouvissem de confissão. O Irmão João Fernandes os ensinava, pregava cada dia aos cathecumenos e aos domingos aos christãos, ensinava todos os dias a doutrina aos meninos, a qual dizião em coros

cantada. O Pater noster, Ave Maria, Credo, Salve Regina dizião em latim e tudo o demais em sua lingua."(II.74-1565)

2.2."Por ser aquella cidade a metropoli de Japão e aonde florecem as letras e idolatrias, era necessario aos Padres que alli rezidião aprender e estudar de novo outro genero de sciencia, que era o essencial de suas seitas, para disputar contra os que as seguem cada vez que hião a nossa caza: porque, ignorando-as e não as sabendo confutar, nem apontar em as authoridades de suas escrituras, desprezavão a quem lhes fallava, e não fazia nelles tanta impressão o que ouvião. Para isto fazia o Padre aos dogicos que aprendessem hum livrinho destas couzas, que elle tinha adquirido e composto, para que soubessem com facilidade fallar com os gentios e entender mais de raiz seos erros."(II.91-1565)

2.3."Os christãos hião rezando em voz entoada a doutrina christã, que ainda cauzava nos gentios maior admiração, por lhe ouvirem recitar tanto a ponto orações em latim que para seos ouvidos era couza tão peregrina e nova."(II.105-1565)

2.4."O mais tempo, fora de sua oração e devotos exercicios, se occupava em tresladar nossos livros espirituaes em sua lingua e letra."(II.206-1568)

2.5."...E que naquelle pão branco, a que chamão em sua lingua hostia,..."(II.213-1568)

2.6.O Irmão João Fernandes "sem ter mestres nem Arte que o ensinasse, era tão assiduo seo cuidado acerca da lingua, que em breve tempo fez nella grande progresso, e concorria Deos Nosso Senhor com elle de maneira que livremente nas pregações explicava aos japões seos conceitos... E porque tinha o Pe. Cosme de Torres encomendado que fallassem ordinariamente japão, para com o exercicio se hir na lingua fazendo mais expedito, tanto ao pé da letra (217/218) guardava esta regra, que nem com os Padres e Irmãos novos que vinhão da India, nem quando levava algum recado ao capitão-mor ou aos portuguezes que com elle fallavão, lhe havia de responder nem fallar senão em japão."(II.217/218-1568)

2.7."E porque lá não havia hum só christão, levou o cathecismo tresladado na letra e lingua de Japão e algumas expozições sobre o Credo, Pater noster, Ave Maria, mandamentos e sacramentos da Igreja..."(II.368-1572)

3.1."Concorreo Deos N. Senhor nesta obra com outro particular favor, que foi acabar-se naquelle tempo de tirar mais a limpo, e emendar-se na lingua de Japão, o catecismo que o Padre tinha ordenado para se pregar aos gentios."(III.15-1578)

3.2."Pedió depois el-rey ao Padre pelo Ir. João que lhe mandasse fazer hum cartapaciozinho manual, encadernado à nossa maneira, em que lhe escrevessem na letra de Japão o Pater noster, Ave Maria, Credo e Salve Regina em Latim, e os mandamentos, confissão geral com outras orações, para decorar e trazer comsigo no peito."(III.19-1578)

3.3."E depois de lho recitar, pedió el-rey que lho mandassem escrever em letras de Japão em hum livro pequenino, [...] E por se offerecer boa occasião lhe fez o Padre, que sabia arzoadamente fallar a lingua, huma larga pratica sobre a grandeza dos beneficios que S.A. tinha recebido de Deos.(III.23)... Veio depois ter aqui hum portuguez por nome Diogo Vaz de Aragão, o qual esteve aqui sinco annos e fallava já de maneira que se entendia.(III.24)... Dahi a alguns annos veio aqui o Pe.

Balthazar Gago [...] e, como elles ainda não estavam correntes na lingua, não me dizião mais que os mandamentos ao pé da letra...(III.25-1578).

3.4."... especialmente se alegrarão ambos muito de ouvirem hum tratado que levavão de proposito feito na lingua de Japão em elegante e polida fraze, no qual se tratava brevemente dos enganos das seitas de Japão... E no cabo pedio que lhe fizesse tresladar na letra de Japão e o cathecismo para o ter comsigo e o praticar aos seos.(III.30/31-1578)

3.5."...o Pe. Vizitador fazia as praticas na lingua portugueza (...) e o Pe. Luiz Froes as rezumia logo alli recitando-as aos Irmãos japões por termos claros e acomodados na lingua de Japão..."(III.164-1580)

3.6."Começou-se o collegio com treze da Companhia, scilicet, tres sacerdotes e dez Irmãos, aos quaes se lião duas lições, huma de Humanidade e outra, aos Irmãos de Europa, da lingua de Japão. E neste primeiro anno se teve grande diligencia em facilitar os Irmãos neste exercicio, em que fizerão bom progresso, porque ao cabo delle começarão logo a pregar aos christãos; e para isso alem de se perfeiçoar a Arte que se tinha feita, se ordenou e fez hum copiozo Vocabulario e alguns dialogos faciles e familiares na lingua de Japão..."(III:172/173-1580)

3.7."E como elles não tem nenhuma noticia de logica nem filozofia, nem sabem pôr hum argumento em forma, não fazem mais que perguntar em breves palavras alguma couza sobre o texto de suas leys, e o outro lhe há-de responder tambem em poucas palavras..."(III.241-1580)

3.8."...o qual [reino de Yechigen] está perto de quarenta legoas do Miacó e hé hum dos mais nobres e principaes de todo o Japão, no qual se tem conservada a policia da lingua em sua inteireza mais ainda que no Goquinai."(III.264-1581)

3.9."...naquelle novo seminario de meninos (...) os mais pequenos aprendião a doutrina christã, outros a ler e escrever a nossa letra, o que fazem em dous ou tres mezes com grande facilidade; outros os caracteres de Japão e da China. Tem suas horas de gramatica e, como são de vivo engenho, dão-se bem com a pronunciação da lingua latina, e não lhes hé peregrina como se cuidava..."(III:301-1582)

4.1."Tambem se trabalha por lhe fazer escolas de ler e escrever em sua letra e lingua, buscando a Companhia para isso mestres competentes e de boa edificacão..."(IV.15-1583)

4.2."E quando por falta de pregadores japões se não pode acudir a tudo, os nossos de Europa tomão este assumpto e, ainda que na lingua não são tão expeditos como os naturaes, todavia pela opinião e conceito que delles tem os christãos, todos se agradão muito de ouvirem aos nossos pregar em sua lingua, e mais sabendo quam estranha e peregrina hé da nossa."(IV.19-1583)

4.3."...vão começando a aprender latim; e tem tanta facilidade em serem bons escrivães em nossa letra, que pela maior parte o que hum menino aprende nas escolas entre nós em tres annos, elles em 3 ou 4 mezes. (...) alguns mancebos fidalgos em Japão (...) com lhe darem somente por escrito as letras do nosso alfabeto e a combinacão dellas, dahi a poucos dias por seo proprio engenho e habilidade começam a correr connosco, e nos escrevem cartas em nossa letra e na sua lingua."(IV.29-1583)

4.4."E por isto os santos Apostolos não forão enviados à conversão do mundo antes de receberem em lingoas de fogo este espirito de ardor...(IV.111-1584) [treslado de uma carta que enviou de Roma o Pe.Geral Claudio Aquaviva, datada de 19/2/1582, aos Padres. e Irmãos. de Japão]

5.1."Estão repartidos [os meninos do seminário] em tres classes e seo aproveitamento no estudo hé arzeado, porque não menos estranho lhe hé o modo da lingua latina, do que a nós hé peregrina a sua."(V.100-1588).

5.2."...foi necessario transferir o noviciado que ahi estava e juntamente o collegio para as ilhas de Amacusa, o qual estava primeiro em Canzusa, ficando somente em Vomura os Padres que se occupavão no estudo da lingua...(V.459-1593).

5.3."Os meninos fizerão maior progresso nos estudos de latim do que nunca athé este anno tinhão feito..."(V.479-1593)